



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2015
<b>Local</b>	Porto Alegre - RS
<b>Título</b>	Semiótica e materialidades na construção do signo poético concretista
<b>Autor</b>	GABRIEL PIO NONINO
<b>Orientador</b>	ALEXANDRE ROCHA DA SILVA

Título do trabalho: Semiótica e materialidades na construção do signo poético concretista

Autor: Gabriel Nonino

Orientador: Alexandre Rocha da Silva

Instituição de ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

A Poesia Concreta, surgida no Brasil em meados de 1950, caracteriza-se pela mudança da lógica estrutural de seus poemas. Utilizando-se do espaço gráfico, de diferentes tipografias, cores e até mesmo tamanho das letras, ela recusa a tradição poética de ser discursiva, conteudística e sentimental, de tratar a palavra unicamente como um veículo indiferente. Tendo como precursores Mallarmé, Ezra Pound, James Joyce, E.E Cummings, o concretismo investiu no lado material da palavra a fim deslocar o conteúdo de um poema para sua imagem e estrutura. Em um mundo pós-revolução industrial, que havia decretado a crise no verso, a Poesia Concreta quis transformar as palavras em objetos. Descartar a interpretação do poema e instaurar o sistema verbi-voco-visual joyciano.

O presente trabalho pretende analisar esta revolução na sintaxe poética, que o movimento concretista instaurou, através da teoria articulada por Hans Ulrich Gumbrecht, denominada Materialidades da Comunicação. A teoria surge como alternativa para outra tradição secular, a hermenêutica, a interpretação de um sentido “metafísico” presente nos textos. Ela parte do pressuposto de que o meio (materialidade, suporte) interfere ou até mesmo modifica a mensagem. A partir desta problemática, o artigo analisa semioticamente o signo poético do poema concreto, e mostra como o concretismo negou seu conteúdo metafísico para dar lugar à comunicação não-verbal estrutural, por meio de suas materialidades.

A metodologia do trabalho partiu do livro *Produção de Presença*, de Hans Gumbrecht (2010). Na obra, o pensador desenvolve toda a linha de raciocínio das teorias das materialidades, que será utilizado como embasamento teórico à análise da Poesia Concreta. Além do artigo escrito por Erick Felinto, chamado *Materialidades da Comunicação* (2001), no qual há um breve panorama do desenvolvimento da teoria das materialidades no campo da comunicação.

Para o objeto de análise semiótica, foi consultado o livro *Teoria da Poesia Concreta*, de Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari (1975), a fim de desenvolver com mais propriedade seus aspectos que interseccionam as materialidades da comunicação. E o livro de Lúcia Santaella, chamado *Convergências: poesia concreta e tropicalismo* (1986), no qual ela traça, em algumas partes, a construção do signo verbal no concretismo. Para o trabalho, foram escolhidos três poemas (dos três idealizadores da Poesia Concreta citados anteriormente), a fim de serem analisados à luz da Semiótica Crítica e das materialidades. Pretende-se expor o feito da Poesia Concreta que, através de sua lógica ideográfica, deslocou o conteúdo do poema para a estrutura, revolucionando a sintaxe poética da época.

O presente artigo está dentro de um projeto geral, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Semiótica e Culturas da Comunicação (GPESC), chamado “Semiótica Crítica: por uma teoria das materialidades na comunicação”. O atual trabalho problematiza, à luz da Teoria da Poesia Concreta, o tema proposto pelo subprojeto “Materialidades da Comunicação e os Meios”. E auxilia no objetivo geral do projeto, o qual visa definir de que maneira a teoria semiótica contribui para que se pense contemporaneamente as materialidades da comunicação.